

Como não fazer história



Por **SEAN PURDY***

Stalin, stalinismo e a historiografia soviética

É até louvável que defensores de Stalin e do stalinismo no Brasil, ao citar algumas fontes de historiadores sérios e profissionais, busquem legitimidade intelectual. É bem melhor do que a fé cega nas fontes stalinistas oficiais ou em charlatões como Ludo Martens, Grover Furr e, no seu livro sobre Stalin, Domenico Losurdo. Por exemplo, Jones Manoel e Marcelo Baumonte do PCB têm citado em vários lugares livros dos historiadores norte-americanos, Robert Thurston e J. Arch Getty. Os dois são sérios e profissionais que se baseiam em estudos rigorosos dos arquivos (tirando algumas citações por Getty de charlatões da atual ultradireita nacionalista na Rússia, algo em que neostalinistas daqui caem facilmente). Em *Life and Terror in Stalin's Russia*, de Thurston (1996), e em vários livros e artigos de Getty (por exemplo, *Practicing Stalinism: Bolsheviks, Boyars, and the Persistence of Tradition*, 2013), ambos argumentam que o stalinismo era uma “ditadura fraca”: o terror, os Gulags e a massiva repressão não foram planejadas desde cima por Stalin e seus braços direitos, mas reações espontâneas aos conflitos intra-burocracia e às ameaças internas e externas ao poder soviético. Eles amenizam, um pouco, o terror de stalinismo, mesmo que nenhum dos autores seja defensor de Stalin ou do stalinismo, nem mesmo comunistas ou marxistas. Os argumentos deles são equivocados e não convincentes; representam uma pequena minoria da historiografia soviética, sejam entre historiadores conservadores anticomunistas, pós-modernistas ou marxistas antistalinistas.

Porém, o problema não é usar Thurston e Getty em si: é arrancá-los do contexto historiográfico, intelectual e político no qual seus estudos surgiram. Isto é: escolher a dedo uns estudos sem considerar o amplo contexto historiográfico no qual foram escritos não é boa prática histórica. O consenso na historiografia soviética depois de 30 anos da abertura dos arquivos (que diferente do que os neostalinistas dizem aqui, não têm transformado nossa visão de Stalin e do stalinismo, mas sim confirmado em grande parte argumentos anteriores) é que, nas palavras de Oleg Khlevniuk, “violência e terror do Estado se transformaram nos métodos fundacionais para resolver todos os problemas socioeconômicos e para manter estabilidade política. Esse fator determinou a escala enorme da repressão” (Top Down vs. Bottom-up: Regarding the Potential of Contemporary “Revisionism”, in *Cahiers du monde russe*, Vol. 56, 2015).

Três décadas de pesquisas nos arquivos abertos, mostram, sem dúvida nenhuma, na vasta maioria de historiadores, que o terror, a violência, o assassinato em massa através de meios judiciais e extrajudiciais, os Gulags e as reações criminosas à fome foram concebidos, organizados, direcionados e implementados com a aprovação pessoal e explícita de Stalin e seus colaboradores mais próximos. Assassino psicopata, Stalin, porém, trabalhava muito e se envolveu pessoalmente em toda política do terror do fim dos anos 1920 até sua morte em 1953. Pessoalmente, assinou os mandatos de execução de milhares de pessoas inocentes.

É claro que isso não é tudo sobre a historiografia soviética do terror. É importante estudar o papel da burocracia local, regional e nacional, bem como por que a população, em grande parte, aceitou, implícita ou explicitamente, essa política. Mas esses fatores só podem ser estudados no contexto geral da centralização do terror desde cima.

Portanto, citar alguns revisionistas como Thurston e Getty, sem reconhecer e avaliar seus argumentos no contexto amplo de debates historiográficos desde a abertura dos arquivos (gradualmente desde 1990), não é boa prática historiográfica: é incompleta e uma distorção do que historiadores têm interpretado sobre o assunto. Justificar (na época e hoje em dia) assassinato em massa, violência, repressão, a completa falta de democracia e valores socialistas é outra questão, mas é

importante enfatizar que os argumentos dos neostalinistas não têm legitimidade na historiografia soviética.

***Sean Purdy** é professor do Departamento de História da USP.

A Terra é Redonda